

UMA ANÁLISE DO GÊNERO *ARTIGO DE OPINIÃO* CONFORME A ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA DE BAKHTIN

Claudete Aparecida SIMIONI⁶⁰
Terezinha da Conceição COSTA-HÜBES⁶¹

Resumo: Este artigo discute como os conceitos de língua, fala e enunciado foram tratados nas diferentes concepções de linguagem que orientaram o ensino de Língua Portuguesa, perpassando desde o ensino considerado tradicional até as tendências mais atuais que concebem a linguagem como forma de interação. Para isso, iniciamos com uma breve reflexão desses conceitos, recuperando, primeiramente, a orientação do pensamento filosófico linguístico do “subjativismo idealista” e do “objetivismo abstrato”, conforme exposto por Bakhtin. Em seguida, apoiamos-nos na teoria dos gêneros do discurso, proposta pelo mesmo autor, para demonstrar sua orientação metodológica para o estudo da língua, usando, como objeto de análise, o gênero “artigo de opinião”. Teoricamente, o trabalho está fundamentado, principalmente em Bakhtin (2006, 2004). Baseando-se nessas leituras, ressaltamos a importância de um trabalho com a língua materna que considere o gênero como um meio para a concretização de situações comunicativas.

Palavras-chave: Linguagem. Gênero discursivo. Ensino. Interação verbal.

Abstract: This article discusses how the concepts of language, speaking and enunciation were treated by the different conceptions of language that have oriented the teaching of the Portuguese Language, going from what is considered traditional teaching to the most modern trends which regard the language as a means of interaction. In order to do this, we have started with a brief reflection on these concepts, recovering, first of all, the orientation of the philosophical-linguistic thinking in the “idealist-subjectivism” and the “abstract-objectivism”, as exposed by Bakhtin/Volochinov (2004). Afterwards, we have leaned towards the discourse genres theory, proposed by the same author, to show his methodological orientation for the language study, using, as an object of analysis, the genre “opinion article”. Theoretically, this paper is founded primarily on Bakhtin (2006, 2004). Based on these readings, we highlight the importance of mother language work that considers the genre as a means of interaction with the language.

Keywords: Language. Discourse genre. Teaching. Verbal interaction.

⁶⁰ Aluna do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Letras da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *campus* de Cascavel. aparecida_73simioni@hotmail.com

⁶¹ Professora Dra. do Curso de Letras e do Mestrado em Letras da UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *campus* de Cascavel. terecostahubbes@yahoo.com.br

Introdução

Necessitando estabelecer relações com seus semelhantes, desde os tempos primórdios, é por meio da linguagem que o homem o faz. É ela que possibilita não apenas a obtenção de informações sobre o mundo que o cerca, como também sua inserção nos diferentes grupos sociais. Nesse aspecto, é inegável a contribuição de Mikhail Bakhtin no campo das ciências humanas em relação aos estudos sobre língua, fala e enunciado. Sua concepção de linguagem nos orienta para que a compreendamos como fruto das relações humanas e, portanto, um processo vivo, dinâmico, histórico e ideológico.

Tendo consciência disso, pretendemos, com este trabalho, ressaltar o quanto importante é se ter clareza de tais concepções por parte do educador, para que possa propiciar um ensino de língua que privilegie o gênero como objeto de ensino, visto que é por meio dele que a linguagem se concretiza nas relações sociais.

Para demonstrar isso, apontamos, no gênero “artigo de opinião”, algumas características que o evidenciam como um instrumento de comunicação verbal concreto, uma vez que desde a sua elaboração a sua recepção há uma série de constituintes textuais e co-textuais relacionados direta ou indiretamente com sua esfera social.

O conceito de língua, fala e enunciado: influências no ensino de Língua Portuguesa

Antes de abordar o conceito de língua, fala e enunciado na perspectiva bakhtiniana, é relevante, mesmo que brevemente, arrolar sobre as duas principais orientações do pensamento filosófico linguístico precedentes que permearam e, de certa forma, ainda permeiam, mesmo que indiretamente, o ensino de língua de maneira geral.

A primeira orientação, denominada por Bakhtin (2004) de “subjativismo idealista”, teve como principal representante, em sua fase inicial, Wilhelm Humboldt. Nela houve a supremacia da fala, a qual era considerada o fundamento da língua e objeto de ensino. Essa compreensão filosófica era fundamentada no princípio da razão, podendo se dizer que foi o racionalismo levado ao extremo e que considerava a língua apenas um meio de expressar o pensamento, utilizando-se, para isso, principalmente da fala. As pessoas eram avaliadas pelo “dom” de saber expressar-se, sendo, portanto, a

língua reconhecida como uma atividade humana individual, inata, que não dependia da intervenção do meio. Seu caráter sócio-histórico-ideológico não era considerado, mas, ao contrário, era vista como um produto estável e acabado, herdado hereditariamente, e funcionava como se fosse um dispositivo a espera de alguém para acioná-lo. Para Koch (2001), nessa concepção a língua funcionava “[...] como representação (‘espelho’) do mundo e do pensamento [...] o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar (= refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo” (KOCH, 2001, p. 09).

O reflexo dessa corrente no ensino de língua revela-se nas atividades prescritivas das regras gramaticais, estabelecendo apenas um critério linguístico: *certo ou errado*, ou seja, não há meio termo, não há respostas passíveis à discussão, pois elas são únicas. As atividades escolares embasadas nessa perspectiva filosófica refletem uma compreensão de língua como produto acabado e estável. É nesse período que a prática da retórica e da oratória ganha maior espaço por lidar especialmente com a fala.

Com uma nova orientação filosófica, denominada por Bakhtin (2004) de “objetivismo abstrato”, destacando-se por volta de 1920, a língua começou a ser vista, estudada e compreendida do ponto de vista da forma, da estrutura, revelada na escrita. Um dos mais notáveis precursores dessa fase, o qual é considerado o “pai da linguística moderna”, devido a sua grande contribuição na área, foi Ferdinand de Saussure, da escola de Genebra. O linguista em questão iniciou um estudo da escrita, porém como uma representação abstrata de um objeto, ou seja, como uma simbologia. Ele considerou que o sistema linguístico era o centro organizador de todos os fatos fonéticos, gramaticais e lexicais da língua. Ao mesmo tempo, fez uma distinção entre língua e fala, colocando esses dois termos em oposição. Para ele, a língua era um sistema de valores que se opõem uns aos outros e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, possuindo caráter homogêneo, padronizado, seguindo, geralmente, a mesma estrutura gramatical e, por isso, deveria ser o objeto de estudo da Linguística. Por outro lado, considerou que a fala era um ato individual e estava sujeita a fatores externos, muitos desses não linguísticos e, portanto, não passíveis de análise. Seus estudos são sincrônicos, não observando a historicidade da língua e sim apenas um recorte dela em uma determinada época.

Devido a essa orientação filosófica, a língua passou a ser compreendida apenas como um código a serviço da comunicação. Segundo Koch, a língua era um “[...]”

instrumento ('ferramenta') de comunicação" (KOCH, 2001, p. 09). Assim, os exercícios escolares de "siga o modelo" ou "complete as lacunas" são frutos dessa corrente, bem como as atividades gramaticais descritivas, por meio das quais os alunos fazem análise sintática, destacando verbos, substantivos, adjetivos, complemento nominal e verbal, sujeito e predicado etc., em excertos de autores consagrados da literatura, cujo vocabulário é rebuscado e há muito não faz parte do uso dos falantes. No entanto, eram (e ainda são) tidos como bons modelos de escrita e de aprendizagem da língua. Ao trabalhar nessa perspectiva, engessa-se a língua, como se ao falar ou escrever o sujeito o fizesse sempre do mesmo modo e como se esse ato não tivesse relação com o meio onde vive, com os sujeitos que interage e com a situação de comunicação.

O reconhecimento de tais orientações é fundamental para que compreendamos a língua na acepção do Círculo de Bakhtin, ou seja, conforme um olhar sociológico. Essa terceira concepção, que surge a partir dos questionamentos às anteriores, não tem a intenção de privilegiar (embora considere) como núcleo da realidade linguística o ato individual da fala ou o sistema da língua, como ocorre nas orientações precedentes. Ela considera a soma de diversos fatores que estão intrinsecamente ligados aos atos de linguagem.

Tomando como base os conceitos de linguagem do Círculo, é possível perceber que todas as atividades humanas estão vinculadas ao uso da língua. Por meio dela o homem estabelece relações com seus semelhantes e com o mundo que o cerca, atribui conceitos e deixa transparecer sua visão de mundo. Bakhtin a considera como uma "corrente evolutiva ininterrupta que sofre transformações" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 92). Diz ainda, que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da "interação verbal", que se realiza por meio da enunciação ou das enunciações. Para ele e seu Círculo, diferentemente da postura saussuriana, a língua não pode estar isolada, fechada, ou seja, desvinculada do contexto linguístico real, pois ela é viva, dinâmica e histórica. Além disso, O filósofo a percebe como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito dessa luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material. Nesse sentido, podemos perceber que ele considera o caráter ideológico que a constitui.

Em relação à fala, os autores defendem sua natureza social e não individual, dizendo que está ligada às condições de comunicação, relacionadas às estruturas sociais. Ela se materializa nos enunciados, e o seu produto é a enunciação, ou seja, a

compreensão, a qual é de natureza social, não podendo ser considerada isoladamente. Compartilhando das asserções de Bakhtin, Faraco reforça o conceito de enunciado, definindo-o como

[...] um ato singular, irrepitível, concretamente situado e emergido de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas. Em outras palavras, estabelece já aqui a correlação estreita entre enunciado e a situação concreta de sua enunciação, bem como entre o significado do enunciado e uma atitude avaliativa. Essa atitude avaliativa se materializa no tom, na entonação do enunciado [...] que por sua vez emerge do universo de valores em que me situo. (FARACO, 2009, p. 24)

Ao falar da atitude avaliativa, da atribuição de valores, não podemos deixar de mencionar que isso é possível devido à presença de muitas vozes no mesmo enunciado, resultantes das experiências de mundo e das relações sociais que nos constituem como sujeitos.

Sendo assim, é possível dizer que o enunciado é definido por suas relações sócio-histórica-ideológicas, o que o torna concreto. Porém, é relevante lembrar que ele independe da fala porque pode ocorrer até mesmo na ausência de palavras ou em uma só palavra, uma frase, um texto, desde que contextualizado e considerado em sua relação com outros enunciados, e com os interlocutores, pois “[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém.” (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Feitas essas considerações, quais as consequências que essa concepção interacionista traz para o ensino? Não são poucas. Assumir a língua como *atividade de interação* é assumir um ensino reflexivo, no qual não há mais espaço para atividades estruturalistas de “siga o modelo”. Ao contrário, as atividades com a língua devem promover a capacidade de interação, propiciando que o aluno tenha atitudes responsivas e reflexivas diante do que lhe é proposto na escola e na sociedade. Para tanto, é necessário que se trabalhe tanto com os aspectos da modalidade oral quando da modalidade escrita, em situação reais de uso da língua, nossa próxima discussão.

Assumindo a língua como forma de interação verbal

Conceber a língua na perspectiva de Bakhtin (2004) implica planejar o ensino da Língua Portuguesa à luz da concepção sociointeracionista, o que significa, entre outras coisas, compreendê-la como algo que permeia o nosso cotidiano, articulando nossas relações com o mundo e com os outros. Desse modo, o enfoque dado ao ensino na sala de aula deve propiciar aos alunos situações de interação por meio de práticas que propiciem o uso real, portanto social, da linguagem. Para Marcuschi, “[...] é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto.” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Nesse sentido, adotar os gêneros como objeto de ensino-aprendizagem da língua é justamente assumir o caráter sócio-histórico/ideológico que ela possui, percebendo sua materialização nas interações dos homens, o que só ocorre por meio dos *gêneros discursivos*⁶² ou *textuais*⁶³. É, ainda, conceber a linguagem como uma construção coletiva, em constante processo de transformação à medida que as relações sociais se modificam.

Gêneros discursivos

Defendemos a ideia de que para desenvolver um trabalho tendo a língua como forma de interação é necessária, primeiramente, uma nova postura teórica dos educadores, que muitas vezes, demonstram certa resistência em estudar teoria, preferindo as atividades práticas. Antunes (2003) aponta que há uma restrição por parte dos profissionais e talvez isso ocorra por “um certo ceticismo ou um descontentamento”, por algumas explicações teóricas passadas em ‘treinamentos’ de curta duração não terem contribuído significativamente com suas práticas cotidianas. Outro fator ressaltado pela autora quanto ao desinteresse em relação à teoria, é que talvez não esteja claro para o professor a interdependência entre teoria e prática e o fato de uma embasar a outra. Segundo ela

⁶² Termo usado por Bakhtin em “Estética da criação verbal”. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 179-287.

⁶³ Termo adotado por Bronckart em “Atividades de linguagem, textos e discursos. São Paulo: Educ, 2003, p. 137.

Toda a atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua. [...] Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. [...] se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. (ANTUNES, 2003, p. 39)

Parece claro que é a teoria que embasa todo o trabalho pedagógico e norteia as práticas de sala de aula. E, para assumir a língua na acepção aqui defendida, apontamos para a necessidade de um trabalho escolar com uma metodologia que propicie ao aluno o reconhecimento, a produção e a utilização eficaz de diferentes gêneros. Por isso, faz-se necessário abordarmos, mesmo que brevemente, sobre o conceito do termo em questão. Inúmeros são os estudos e as publicações que surgiram nos últimos anos em torno dos gêneros. São muitos os eventos linguísticos (congressos, simpósios, palestras...) que voltam seu olhar nessa direção. No entanto, cabe lembrar aqui que, apesar de ser a “sensação” do momento, esse tema tem seus alicerces em Platão, o qual lhe deu um tratamento direcionado especialmente à literatura, por isso, engana-se quem pensa que a discussão é recente. A abordagem dos gêneros já passou por diversos estudiosos, dentre eles, foi Aristóteles quem mais se destacou por sistematizar a *teoria dos gêneros* e categorizar a *natureza do discurso*⁶⁴. Portanto, trata-se, “de uma nova visão sobre o mesmo tema” (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Atualmente, a noção de gênero não se liga unicamente à literatura. Swales diz que “hoje, gênero é facilmente usado para refletir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (SWALES *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 147).

É nesse sentido que pretendemos direcionar a concepção de gênero neste trabalho a partir de agora, ou seja, deixaremos de lado a abordagem retórica literária para focar a concepção utilizada na área da Linguística: o gênero como um *fato social* que ocorre por meio de enunciados manifestados pelos atos da fala ou da escrita para atender diferentes necessidades de interlocução.

⁶⁴ Para saber mais sobre a contribuição de Aristóteles nesse assunto, uma leitura possível encontra-se em MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

De maneira simplificada, gênero é o nome dado aos textos que servem para cumprir determinado objetivo de interação. No meio familiar, usamos o bilhete para deixar um recado a alguém que vai chegar depois que não estivermos em casa. Na escola, os alunos fazem um relatório para explicar uma experiência da aula de ciências. No mestrado, é exigido que o mestrando redija uma dissertação para demonstrar sua pesquisa e adquirir o título de mestre. A dona-de-casa prepara uma lista de compras para não se esquecer de comprar nenhum produto no supermercado. Nas escolas é comum acontecer concursos de oratória, para participar o aluno precisa elaborar um texto geralmente argumentativo acerca de um tema da atualidade. Esse texto deve ser lido no dia marcado e o aluno que obtiver melhor desempenho na defesa de suas ideias é o vencedor. O jurado julga não apenas o texto escrito, como também a capacidade de eloquência do orador. O (a) diretor(a) da escola emite convite de reunião aos membros da diretoria da APMF (Associação de pais mestres e funcionários). Antes de iniciar a reunião, o (a) diretor (a) prepara seu discurso, que pode ser por meio um roteiro demarcando os pontos mais importantes a serem tratados. Durante a reunião, acontece o diálogo face a face, para se tirar dúvidas, sugerir ou criticar. Concomitantemente a isso, o secretário redige uma ata para registrar o que foi verbalizado entre os participantes. Enfim, nos diferentes meios em que convivemos, sempre temos o que dizer e há formas padronizadas para cada situação.

Ao tratarmos o gênero nessa dimensão, estamos nos pautando no autor que mais tem servido de base para os estudos contemporâneos do gênero: Mikhail Bakhtin, um dos mais importantes pensadores russos do século XX, mas que foi reconhecido somente com a publicação de boa parte de seus textos, em países da Europa e da América. Bakhtin reuniu em torno de si intelectuais de diferentes áreas para um incessante debate cultural. Desse grupo heterogêneo, formou-se o chamado Círculo de Bakhtin, de onde saíram importantes trabalhos, nas áreas de Literatura, Teoria Linguística, Teologia, Psicanálise, Filosofia, produzidos muitas vezes em parceria com outros membros do Círculo. Entre eles, destacam-se Volochinov e Medvedev. A ideia de gênero discursivo no sentido aqui enfatizado começa a ser esboçada, conforme Masini,

“ [...] em 1929, quando Bakhtin/Volochinov (1929: 43) observam que cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica, o conceito de gêneros do

discurso ganha corpo em 1934-35 e é retomado em 1952-53/1979, quando Bakhtin também se dedica às características do enunciado verbal. Em 1934-35, o autor dá ênfase à relação do discurso com a conjuntura sócio-ideológica. (MASINI, 2010)

Bakhtin considera que cada época histórica tem sua linguagem e a utiliza conforme as intuições sociais em que seu povo está inserido, sendo essa ideia base para seu conceito de *gêneros discursivos*, esse termo é usado para designar todos os textos de uso da vida cotidiana que servem como elo de comunicação nas *interações verbais* e nascem das necessidades de um grupo social, sendo, portanto, fruto das diferentes esferas que organizam nossa sociedade. Para Bakhtin, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2006, p. 262). Esses se caracterizam por três elementos: o *conteúdo temático*, o *estilo* e a *construção composicional* (elementos que detalharemos posteriormente), os quais, “[...] estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.” (BAKHTIN, 2006, p. 262)

Se cada gênero, como já mencionado, atende às necessidades de determinado “campo de utilização da língua” e, entendendo essa expressão como sinônima de diferentes segmentos sociais, é de bom senso concordar que realmente os gêneros são inúmeros. Por outro lado, não podem ser passageiros, haja vista que as necessidades das *esferas sociais*⁶⁵ também mudam conforme os fatos sociais, a época, o desenvolvimento econômico e cultural, o contexto de produção, entre outros. Por isso, de tempo em tempo, surgem novos gêneros, mas sempre em torno de uma base preexistente.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2006, p. 262).

Como exemplos disso, podemos mencionar o *email* e o *msn*, gêneros relativamente novos, que têm como precedente a carta. Sabendo que esta demora em média dois a três dias, quando a distância é pequena, para chegar ao seu destinatário, e que, um email ou

⁶⁵ O mesmo que “campo de utilização da língua”, segmento social. Ver BRAIT, Beth in **A prática de linguagem em sala de aula . Praticando os PCNs**. ROJO, Roxane.(Org) Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000; ou o mesmo que “domínio discursivo”.

uma conversa por *msn*, independente de distância, é entregue em tempo real, explica-se a crescente substituição, bem como, a preferência dos dois últimos em relação ao primeiro. Para entender o surgimento desses gêneros, basta observarmos os avanços tecnológicos pelo qual a era moderna vem passando, aliado à ânsia de aproveitar ao máximo o tempo, pois o lema da Revolução Industrial perdura e cada vez mais *Time is Money*. Nesse contexto, tanto a rapidez no envio da correspondência quanto a falta de tempo podem ser tomadas como necessidades de algumas esferas sociais.

Além desse surgimento de novos gêneros em detrimento ao desuso de outros, é importante destacar ainda sua estrutura *relativamente estável*. Considerando que os gêneros são *artefatos culturais* e não *entidades naturais*, há de se levar em conta que cada autor, ao querer dizer algo, lança mão de diferentes recursos e tem um estilo próprio de fazer isso. Um exemplo do que falamos pode ser evidenciado neste fragmento de artigo de opinião do colunista Josias de Souza, publicado na *Folha de S. Paulo*:

Um novo José

Calma José.

A festa não começou,
a luz não acendeu,
a noite não esquentou,
o Malan não amoleceu,
mas se voltar a pergunta:
e agora José?

Diga: ora Drummond,

Agora Camdessus.

[...]

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...

O Malan nada faria,

Mas já há quem faça.

[...] (apud MARCUSCHI, 2008, p. 166)

Caso o gênero acima seja observado considerando apenas sua estrutura, logo se diria que se trata de um poema, no entanto, o autor utilizou-se da forma do poema para escrever um artigo de opinião. Temos então uma mescla de gêneros, um *gênero híbrido*⁶⁶. Essa é apenas uma exemplificação de que a estrutura não é rígida, por isso, o objetivo discursivo de um gênero deve ser observado em primeira instância para nomeá-lo e classificá-lo como sendo de determinada esfera social, e não apenas sua constituição linguística deve ser considerada para sua Identificação.

Orientação metodológica para o ensino da língua

Como já dissemos, são três os elementos essenciais em que devemos nos fundamentar para verificar o gênero a que pertence determinado enunciado, conforme Bakhtin (2006): *conteúdo temático; construção composicional e estilo*. Sem usar diretamente esses termos, essa orientação tem origem em “Marxismo e filosofia da linguagem”, quando Bakhtin/Volochinov, mais uma vez, posicionam-se contrários às ideias do estruturalismo, dizendo que

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser o seguinte:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2004, p. 124).

Em relação ao primeiro, podemos dizer que se trata do assunto do enunciado em questão, mas não apenas isso. O *conteúdo temático* envolve também as marcas

⁶⁶ Consultar MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

discursivas que não estão explícitas no corpo do enunciado (escrito ou falado), e que estão intrinsecamente ligadas ao contexto de produção ou às condições concretas que se realizam, influenciadas pela escolha do assunto, não podendo, assim, serem desconsideradas, pois, como bem diz Marcuschi, os gêneros se caracterizam muito mais pelos “aspectos sócio-comunicativos funcionais do que pelos aspectos formais, linguísticos e estruturais.” (MARCUSCHI, 2003, p.21). Portanto, ao observar o conteúdo temático de um gênero, faz-se necessário analisar *quem* é o produtor do texto e em que condições ele o produziu, ou seja, *por que, para quem e quando* foi produzido. Outro aspecto a ser considerado é a sua *esfera de circulação*, fator importantíssimo para se definir a que gênero pertence o enunciado. Outro fator que se deve levar em consideração é o suporte/veículo de circulação, elemento que também influencia no conteúdo do texto. Quanto mais informações obtivermos sobre o contexto de produção, maior clareza teremos acerca do conteúdo que trata o enunciado.

Por outro lado, a *construção composicional*, ou *as formas das distintas enunciações*, alude à estrutura formal propriamente dita. Está ligada às marcas mais explícitas do enunciado, que nos permitem perceber características peculiares de cada gênero, visto que este tem uma forma mais ou menos padronizada, porém não estática.

Por fim, para analisar o *estilo* de um gênero discursivo, devemos levar em conta as questões individuais de seleção e opção utilizadas pelo locutor: vocabulário, estruturas frasais e preferências gramaticais, ou seja, *as formas da língua na sua interpretação linguística habitual*. São os recursos linguísticos selecionados para atingir o objetivo de interação.

Frisamos, ainda, que a orientação metodológica aqui elencada para exemplificar as três características fundamentais do gênero não tem sentido se o enunciado não for analisado em situações comunicativas específicas. Ou seja, os enunciados pertencem à determinada esfera da atividade humana, são devidamente localizados em um tempo e espaço (condição sócio-histórica-ideológica) e dependem de um conjunto de participantes e suas vontades enunciativas ou intenções. Se mudarmos algo, o mesmo enunciado pode passar a pertencer a outro gênero.

O gênero *artigo de opinião* e seus elementos constituintes

Na tentativa de transpor a teoria até então apresentada, apresentaremos uma amostra de texto e, a partir da análise de suas condições de produção, circulação e recepção, destacando seu conteúdo temático, estrutura composicional e estilo, demonstraremos que tais elementos caracterizam-no como um texto pertencente ao gênero *artigo de opinião*, da esfera jornalística. Seguiremos, portanto, na análise, a ordem metodológica para estudo da língua conforme Bakhtin/Volochinov (2004).

FOLHA ONLINE

[Iniciar impressão](#) | [Voltar para página](#)

21/10/2009

É um bom estímulo ao professor

A partir de agora, um professor da rede estadual de São Paulo terá condições de, ao final carreira, chegar a um salário superior a R\$ 6 mil mensais –isso se aceitar fazer uma série de exames ao longo de sua carreira e não faltar às aulas.

Isso colocaria o professor, segundo os critérios brasileiros, na faixa dos 10% mais ricos. O projeto é limitado (não pode promover todos os professores ao mesmo tempo, por restrição orçamentária) e não resolve a média salarial, ainda baixa, mas sinaliza o valor do mérito e isso é capaz de atrair talentos para a escola pública. Atualmente, o salário de um professor é abaixo do rendimento de um profissional como diploma universitário.

Além dos exames, se valorizam a presença em sala de aula e a baixa rotativa entre as escolas.

É das mais interessantes ações de toda a gestão José Serra. A decisão coloca São Paulo na vanguarda de um sistema de mérito aos professores, que já são beneficiados, todos os anos, com um bônus a partir do desempenho de seus alunos.

Os sindicatos, como sempre, vão chiar, faz parte do jogo. Mas os talentos e esforçados vão ser recompensados.

Sabemos que aumentos salariais indiscriminados não melhoram tanto a educação como premiar o esforço.



Gilberto Dimenstein, 52, é membro do Conselho Editorial da **Folha** e criador da ONG Cidade Escola Aprendiz. Coordena o site de [jornalismo comunitário](#) da **Folha**. Escreve para a **Folha Online** às segundas-feiras.

E-mail: palavradoleitor@uol.com.br

[Leia as colunas anteriores](#)

[Iniciar impressão](#) | [Voltar para página](#)

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/foi/pensata/gilbertodimenstein/ult508u540992.shtml>

Em primeira instância, situaremos o *contexto de produção*, dizendo que nosso objeto de análise é um gênero da esfera jornalística e tem como suporte de circulação a

internet. “É um bom estímulo ao professor” é o título do artigo de uma coluna da seção Pensata, do jornal Folha Online, que tem como veículo de circulação o site www.folhaonline.com.br, publicado semanalmente e assinado por Gilberto Dimenstein, jornalista e escritor, colunista da *Folha de S. Paulo*, da qual já foi diretor. Gilberto foi apontado, em 2007, pela Revista *Veja*, como uma das cem pessoas mais influentes do Brasil. Isso por conta de suas reportagens de cunho social e experiências em projetos educacionais. Ele foi uma das pessoas que inspirou Cristovam Buarque na criação do projeto Bolsa-escola que, segundo Cristovam, além de ajudar a aprimorar a ideia, foi a primeira pessoa que o alertou para a importância daquele projeto, o qual serviu de base para a elaboração do Bolsa-família. Por essas poucas informações acerca do autor, percebemos que estamos diante de um colunista de prestígio, cujas palavras podem ter grande influência na construção de sentido que o leitor pode fazer ao ler uma matéria assinada por ele.

A posição social ocupada pelo autor e pelos leitores tem influência tanto na seleção do conteúdo, quanto na escolha lexical para dizer o que se pretende. Além disso, tratando-se de um gênero dessa esfera comunicacional, sabemos que há toda uma preparação específica que antecede sua publicação. Há uma preocupação com a editoração, a diagramação, com a revisão e aprovação final, pois não se trata de um gênero primário⁶⁷; há todo um processo de elaboração, acompanhado minuciosamente por uma equipe de profissionais. Afinal, trata-se de um gênero, cuja relação com a linguagem é mediata e tem como leitores um público seletivo, interessado em assuntos de cunho político, social, e econômico. Além disso, provavelmente tem uma formação leitora que lhes permite chegar ao nível de compreensão da leitura e não apenas na interpretação linear dos fatos.

Como é possível notar, a escolha do conteúdo temático tem estreita relação com as informações elencadas anteriormente, ou seja, é necessário considerar todo o contexto de produção bem como o *meio de circulação* para então chegar a uma compreensão mais eficaz do tema. Assim, o conteúdo temático depende da interação verbal e das condições concretas de sua realização.

O *conteúdo temático* selecionado para o artigo em questão faz menção ao bônus salarial oferecido pelo governo do Estado de São Paulo, José Serra, aos profissionais do

⁶⁷ Ver BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

magistério que demonstrarem bom desempenho, tanto na área intelectual quanto no que diz respeito à assiduidade.

A maneira com que Dimenstein aborda o tema nos dá pista de que ele conhece seus interlocutores e pressupõe o quanto já sabem sobre o assunto, uma vez que não fornece muitos detalhes sobre fatores que ajudariam a qualquer leitor a compreender do que se trata, sem ter conhecimento prévio do projeto de lei ao qual se refere o columnista.

Em relação à *construção composicional*, destacamos que o gênero artigo de opinião é um texto organizado em parágrafos, os quais podem ser por recuo ou espaçamento, característica do nosso exemplo. A sequência discursiva predominantemente é a argumentativa, uma vez que o objetivo do autor (e de textos desse gênero) é defender um ponto de vista sobre algum assunto, geralmente, um assunto polêmico, levantando questões ligadas à saúde, à educação, à política, temas gerais que despertam interesse dos leitores porque estão vinculados ao dia-a-dia dos mesmos. No caso do texto em questão, Dimenstein deixa transparecer um posicionamento favorável ao Projeto de Lei Complementar (PLC) 29/2009⁶⁸ que cria o Programa de Valorização pelo Mérito. Um dos momentos em que isso se configura é no último parágrafo, quando ele encerra dizendo que premiar o esforço do educador traz mais resultados para a educação do que os “aumentos salariais indiscriminados.” Segundo NIEDERMAYER (2007), o artigo de opinião

[...] tem a finalidade de estreitar os laços entre Produtor – Texto – Leitor, a fim de envolver este último, com o objetivo de obter sua adesão ao ponto de vista defendido no artigo, pois os artigos de opinião têm, como fim discursivo, o fazer-criar. Eles são publicados em jornais, revistas e revistas eletrônicas e, na maioria das vezes, vêm após títulos como: “Ponto de vista” ou “Opinião”. Nele, o autor, o qual aparece identificado logo no final do texto, defende uma tese em relação a determinado tema polêmico, apresentando argumentos favoráveis à tese defendida. (apud COSTA-HÜBES; BAUMGARTNER, 2009, p. 103).

Para persuadir o leitor a compactuar com sua tese defendida favorável ao Projeto de Lei, o autor lança mão de estratégias, utilizando-se de marcas linguísticas que são específicas para esse gênero. Ao dizer isso, estamos delineando o *estilo*.

⁶⁸ Projeto de Lei aprovado pela Assembleia Legislativa de São Paulo em 21 de outubro de 2009 intitulado “Programa de Valorização pelo Mérito”. Maiores informações consultar ; diarioeducacaosp.blogspot.com/.../programa-de-valorizacao-pelo-merito-e.html ou o site www.saopaulo.sp.gov.br

Destacamos, nesse *corpus*, inicialmente, o uso do discurso em primeira pessoa do plural. É importante observar que o uso do plural ou do singular pode interferir no grau de responsabilidade de autoria. Ao optar pela primeira pessoa do singular o autor do texto assume para si um compromisso maior do que quando opta pela segunda pessoa do plural. Para sentir com maior clareza, vamos ler as duas situações: “Sabemos que aumentos salariais indiscriminados não melhoram tanto a educação como premiar o esforço.”

Quando o autor usa sabemos (primeira pessoa do plural), ele não assume essa opinião sozinho. Se ao invés disso tivesse optado pela primeira pessoa do singular escrevendo: “Sei que aumentos salariais indiscriminados não melhoram tanto a educação como premiar o esforço”, traria só para si a responsabilidade daquilo que está dizendo, assumindo, assim, um compromisso muito maior.

Em outro momento, o autor faz uso de uma estratégia muito comum nesse tipo de gênero, para novamente não assumir responsabilidades sozinho e, ao mesmo tempo, para sustentar o que está sendo dito. Isso ocorre no segundo parágrafo: “Isso colocaria o professor, segundo os critérios brasileiros, na faixa dos 10% mais ricos.”

Ao afirmar que o professor entrará no grupo dos 10% mais ricos do país, se cumprir todas as etapas da avaliação com êxito, puxando para o seu texto o termo “segundo os critérios brasileiros”, está se apoiando em fatos já estabelecidos para dar mais credibilidade às suas palavras e, ao mesmo tempo, deixa claro que não é ele quem está definindo os critérios para ser considerado rico.

Koch diz que “O uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras).[...] procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa.”(KOCH, 2001, p. 29). Ela afirma também que possuímos em nossa gramática mecanismos que orientam o teor da argumentatividade dos enunciados. A isso, Ducrot denomina “marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação” que funcionam como “modalizadores”. Para isso é necessário fazer uso de certos elementos da gramática denominados por ele de *operadores argumentativos*, os quais, determinam “o modo como aquilo que se diz é dito”; (DUCROT *apud* KOCH, 2001, p.29), atribuindo maior ou menor grau de força argumentativa ao enunciado. Vejamos alguns exemplos do uso desses operadores argumentativos no texto objeto de análise.

No parágrafo já referenciado “Sabemos que aumentos salariais indiscriminados não melhoram tanto a educação como premiar o esforço.” As conjunções sublinhadas funcionam como operadores argumentativos e contribuem para somar argumentos favoráveis à conclusão final.

Outra passagem em que Dimenstein deixa fortes marcas de seu posicionamento pode ser constatada no seguinte trecho: “ Os sindicatos, como sempre, vão chiar, faz parte do jogo. Mas os talentosos e esforçados vão ser recompensados.” O uso da expressão “como sempre” denota , que já é hábito dos sindicatos reclamarem, teria outro peso se ele escrevesse apenas “ Os sindicatos vão chiar”. Em seguida, usa a conjunção adversativa “mas”, considerada por Ducrot (1987), “operador argumentativo por excelência”, o mas cria uma expectativa no leitor que virá uma ideia oposta àquilo dito anteriormente. E com isso ele reafirma sua posição porque deixa claro que, independente da opinião dos sindicatos, valem os esforços do professor pois será recompensado. Além disso, atrevemo-nos a fazer aqui uma leitura de que ele já está alertando os leitores de que haverá uma relutância dos sindicatos, pois os professores passarão por uma avaliação em sua carreira que exigirá esforços. Fica também subtendido que somente aqueles que conseguirem aprovação em todas as etapas é que são os esforçados.

No terceiro parágrafo, o autor nos dá mostras de compactuar não apenas com o referido Projeto de Lei, mas também com outras atitudes do governo de Serra. Podemos constatar no trecho: “ É das mais interessantes ações de toda a gestão José Serra. A decisão coloca São Paulo na vanguarda de um sistema de mérito aos professores, que já são beneficiados, todos os anos, com um bônus a partir do desempenho de seus alunos.” O uso do primeiro modalizador em destaque sugere que esse governo tem outras atitudes também importantes. Continua demonstrando-se adepto ao governo, ressaltando que a atitude coloca o Estado à frente no que diz respeito ao reconhecimento dos profissionais da educação. Fazendo uso do operador já, cuja função é introduzir enunciados pressupostos, o autor ressalta benefícios que os professores já possuem por bom desempenho refletido no educando, ou seja, benefícios já atribuídos pelo governo.

Considerando a representatividade social e política de Gilberto Dimenstein, aliado à função que esse gênero possui, é bem provável que o leitor compartilhe de seus posicionamentos e essa adesão pode ser atribuída, entre outras coisas, pelas escolhas lexicais do autor, pela força argumentativa que essas escolhas constituíram, pelo

propósito que o gênero artigo de opinião expressa e pela atribuição de sentido que o leitor fará, a qual vai além dos aspectos constituintes do gênero, envolve também o conhecimento prévio que o leitor já tem sobre o tema, sua formação leitora, suas experiências, enfim, o texto será uma ponte entre locutor e interlocutor. Nesse aspecto, não podemos deixar de frisar a sábia frase “ A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.[...] é o território comum do locutor e do interlocutor.”(BAKHTIN, 2004, p. 113). Teríamos muito mais a observar nesse *corpus*, mas o espaço não nos propicia isso. Fizemos aqui, apenas uma breve análise do artigo, procurando seguir a orientação metodológica de Bakhtin para o estudo da língua. Destacamos que só foi possível realizá-la porque se trata de um texto de uso real com locutores e interlocutores reais. O que possibilitou um levantamento do contexto de produção, circulação e recepção do gênero.

A análise permitiu, também, conferir as palavras de Bakhtin (2006), de que os três elementos (conteúdo temático, estrutura e construção composicional) estão intrinsecamente ligados, pois um contribui com a constituição do outro, tornando o texto um todo indissolúvel.

Considerações finais

A breve explanação do encaminhamento metodológico para o estudo da língua realizado no artigo de opinião serviu para perceber que o gênero tem características peculiares que o identificam como tal e elas são necessárias para que cumpra sua função social de convencer o leitor acerca de determinado tema. Pois se fosse feito de outro modo, poderia mudar completamente sua função e passar para outra categoria de gênero que não a de artigo de opinião.

A palavra do autor jamais é despretensiosa. Principalmente em se tratando do gênero de texto em questão, que tem como autoria alguém tão influente no campo social e político. É sábio o provérbio popular que diz: “Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida.” Por isso, cremos que a opção de um termo lexical em detrimento de outro deve ser uma escolha consciente porque causa interferência relevante na produção de sentido.

A análise superficial realizada nesse trabalho não teve o intuito de esgotar as considerações sobre o tema, ao contrário, procuramos apenas puxar o “fio da meada”

para futuras e profundas discussões sobre as concepções bakhtinianas e seu reflexo no ensino da língua materna. O que pretendemos mostrar com esse estudo é que as atividades com leitura interpretativa na sala de aula pressupõem encaminhamentos didáticos que explorem o texto, considerando estas três dimensões: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

Desse modo, cabe ressaltar a importância não só do preparo teórico do docente, como da tomada de decisão do mesmo em relação a adotar concepções que desencadeiem uma prática pedagógica reflexiva, priorizando atividades de linguagem voltadas à interação verbal, ou seja, voltadas a situações reais de uso da língua. Isso é possível a partir do momento em que se tiver compreensão da língua enquanto produto das relações sociais, que são estabelecidas entre as pessoas ao longo do tempo, conforme necessidade de interlocução.

Referências

AMOP – Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Sequência didática:** Uma proposta para o Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental-Anos Iniciais. [Organizadora: Terezinha da conceição Costa-Hübes]. Cascavel: Assoeste, 2007 a Caderno Pedagógico 01.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português – encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. [Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira]. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, texto e discurso**. São Paulo: EDUC, 2003.

COSTA-HÜBES, T.C.; baungartner, C.T. *Sequência didática: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental anos iniciais*. Cascavel: Assoeste, 2009. Caderno Pedagógico 03.

DIMENSTEIN, Gilberto. **É um bom estímulo ao professor**. Folha online, 2009. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/> > Acesso em: 25 de nov. 2009.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASINI, Lúcia. **Sobre Mikahil Bakhtin. Dialogismo**. Disponível em <http://www.ifono.com.br/sobre> Mikhail Bakhtin. Acesso em: 20 de fevereiro de 2010.